

A EDUCAÇÃO FORMAL E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA EM JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O PAPEL DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

FORMAL EDUCATION AND THE FORMATION OF HISTORICAL AWARENESS IN YOUNG HIGH SCHOOL STUDENTS: SOME NOTES ON THE ROLE OF PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING

Prof^a. Dr^a. Luzia Marcia Resende Silva*

RESUMO: Este texto visa explicitar preocupações tecidas em minha prática social como professora formadora de professores e com relação próxima com a realidade das escolas públicas da cidade de Catalão-GO, e em sintonia com as mudanças propostas para a educação com a aprovação das BNCCs (base Nacional Comum Curricular). Ele visa também explicitar diálogos com estudos da transdisciplinaridade e complexidade, percebidos como repertórios capazes de ajudar a refletir sobre como as diferentes disciplinas cumprem papel na formação da “Consciência Histórica¹” de crianças e jovens ao longo do processo de escolarização formal. A escolha foi por perspectivar o papel de livros didáticos de português nesse processo.

Palavras-chave: Consciência Histórica; Livros Didáticos de Português; Complexidade; Transdisciplinaridade.

ABSTRACT: This text aims to clarify concerns formulated in my social practice as teacher teacher-trainer and closely related to the reality of public schools in the city of Catalão-GO, and in line with the proposed changes to education by the approval of the BNCCs (Common National Base Curriculum). It also aims to clarify dialogues with studies of transdisciplinarity and complexity, perceived as repertoires capable of helping to reflect on how different disciplines play a role in developing the “Historical Awareness” of children and young people throughout the formal schooling process. The choice was to envisage the role of Portuguese textbooks in this process.

Key-words: Historical Awareness; Portuguese Textbooks; Complexity; Transdisciplinarity.

Como docente, tenho desenvolvido estudos e orientado pesquisas sobre os processos de formação da “consciência histórica²” dos sujeitos na sociedade e estado atenta a como esses processos se dão dentro e fora do âmbito da educação formal. No campo da educação formal, tenho pensado em como o ensino de História tem contribuído para esse processo. Refletindo, entretanto, sobre isso, surgiu como necessidade a ampliação desse olhar para o modo como essa formação da “consciência histórica”, que é um fenômeno complexo, se dá em âmbito transdisciplinar, entendido, como sugere (MORAIS, 2017), (MORIN, 2003), (NICOLESCU, 2008), como sendo um modo específico de olhar para a realidade, que está além dos modos disciplinares de conhecer, ou seja, o olhar transdisciplinar não se constitui da soma dos olhares dos diferentes campos disciplinares, mas dialoga com eles, partindo de uma

* Doutora em História Social pela PUC/SP. Professora dos Cursos de História da UFG/Regional Catalão e do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em História, Cultura e Formação de Professores da Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão. E-mail: luziamarcia.ufg@gmail.com.

- 1 Trabalho o termo na perspectiva proposta por Jörn Rüsen, como capacidade de dar sentido a experiências no tempo, numa compreensão que vai de um diálogo do presente com o passado e do presente ao futuro no sentido de perspectivar os encaminhamentos do presente.
- 2 RÜSEN, Jörn. **História Viva**. Teoria da história III: Formas e Funções do conhecimento Histórico. Trad. Estevão de Resende Martins. Brasília: EDUNB, 2007.

percepção da indivisibilidade dos fenômenos ou das praticas/experiências dos sujeitos na sociedade.

Nesse sentido, para entender como se dão os processos de formação da “consciência histórica” dos jovens estudantes do ensino médio na cidade de Catalão – GO, escolhi, como fonte de pesquisa, livros utilizados no ensino de Português, entretanto o olhar lançado será transdisciplinar, porque a compreensão é de que atuam de maneira decisiva no complexo processo de construção da consciência histórica dos jovens, que em sua escolarização formal os utilizam como instrumento de aprendizagem de língua portuguesa. Os conhecimentos de língua portuguesa, uma vez incorporados pelos jovens, cumprem significativo papel, ao lado de outros conhecimentos, como articuladores dos seus processos de consciência, porque é utilizando seus conhecimentos de língua que podem pensar as relações do presente com o passado e as perspectivas de futuro, uma vez que só se pode pensar dentro de uma cultura, de uma língua.

A escolha da realização de estudos a respeito do papel da educação formal de língua portuguesa no ensino fundamental II, na formação da “consciência histórica” dos adolescentes, se deu principalmente pensando no fato de ser essa a disciplina com maior carga horária no Ensino Fundamental ao lado de matemática. A escolha das coleções incidiu sobre os livros que estão sendo usados na rede pública de Catalão atualmente, portanto o critério de escolha dos textos não considerou autores ou coleções previamente conhecidas, mas, sim, escolas estaduais da cidade de Catalão. Na escolha das escolas, o critério foi perfis distintos, a escolha acabou recaindo sobre a Escola Estadual João Neto de Campus, por ser uma das maiores e mais antigas escolas estaduais da cidade de Catalão e Sobre a Escola Matilde Margon Vaz, uma escola de médio porte que não oferece ensino Noturno. Essas escolas atendem prioritariamente jovens de diferentes zonas periféricas da cidade. Foram trabalhadas 3 coleções, porque o coordenador pedagógico da escola João Neto de Campus disse que apesar de ter sido feita uma nova escolha, os professores continuam recorrendo à coleção anterior para ensinar alguns conteúdos.

Estas foram as coleções escolhidas: (1) “Se liga na Língua: literatura, produção de texto e linguagem/Wilton Ormundo, Cristiane Siniscalchi. 1ª ed, - São Paulo: Moderna, 2016. Obra em 3 volumes”, utilizada pela escola Instituto Matilde Margon Vaz. (2) “Português: linguagens/William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. 9ª ed.- São Paulo: Saraiva, 2013. Obra em 3 volumes” e (3) “Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso/William Roberto Cereja, Carolina Assis Dias Vianna, Christiane Damien Codenhoto. 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2016. Obra em 3 volumes.” As duas últimas, utilizadas na Escola Estadual João Neto de Campus.

O objetivo inicial da pesquisa era analisar as noções de tempo, de sociedade, de família, dentre outras, expressas nos livros e assim compreender que tipo de valores e compreensões de sociedade carregam para a formação dos alunos. A proposta era desenvolver uma pesquisa e a redação de um artigo durante uma licença capacitação de 3 meses desenvolvida junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Linguagem, Complexidade e Transdisciplinaridade “Caosmos”, do Instituto de Letras e Linguística da UFU/MG. Entretanto, o contato, leitura e análise dos livros didáticos se revelou bastante exaustiva, pois colocou-me em contato com uma série de temáticas relativas ao ensino de língua portuguesa, literatura e produção textual e uma quantidade imensa de páginas a serem lidas (para ser mais precisa 3.320 páginas), e, confesso, tive dificuldades de encontrar alguns critérios que me possibilitassem construir a análise.

Neste texto, pretendo apresentar uma visão geral do que pude perceber lendo essas coleções e, assim, conseguir mostrar a importância de estarmos atentos, nesse modelo disciplinar de educação que possuímos, aos lugares e papéis ocupados por todo o conjunto na formação da consciência histórica dos alunos. Pretendo como próximo passo, alargar o olhar,

tomando, como fonte, livros de outras disciplinas, para tentar compreender os valores e perspectivas de abordagens levadas a efeito entre os jovens sobre diferentes temas/problemas do social, uma vez que não existe nenhuma área do conhecimento que na sua constituição não esteja preñe de valores e concepções sobre a sociedade.

Importa dizer que uma olhada no guia do livro didático editado pelo MEC, com objetivo de apresentar pareceres sobre as coleções didáticas de Português, nos faz perceber que não há efetivamente interesse em avaliar valores e concepções emitidas nos textos que serão lidos pelos alunos. As preocupações dos avaliadores, no máximo, fazem referências superficiais à presença de textos que tratam temas contemporâneos ou que versam sobre temas atuais, cujas leituras favoreceriam debates voltados à questões da cidadania. A preocupação dos avaliadores está maciçamente voltada para questões próprias da área, do tipo: como as escolas literárias são apresentadas, se os livros tratam a diversidade de gêneros textuais, como a coleção apresenta a gramática, se a linguagem utilizada é próxima ou distante da juventude, etc... Dessa forma, é possível passar despercebido aos avaliadores a promoção nas coleções didáticas de português de perspectivas bastante problemáticas do ponto de vista de valores, uma vez que a diversidade de textos utilizados tanto para explicar/explorar/apresentar as escolas literárias, como os utilizados para apresentar gêneros textuais, os utilizados para análises gramaticais, etc... estão preñes de valores e concepções de sociedade, de mundo, de homem, sendo que essas ideias poderão ser absorvidas e contribuir para a formação da consciência histórica dos jovens acerca de uma diversidade de temas que são apresentados no livro de português.

A diversidade de textos presentes nas coleções didáticas analisadas nessa pesquisa versam sobre diferentes temáticas e sobre diferentes sujeitos sociais, tais como: questão indígena e afro-brasileira, questão da mulher, questão ambiental, questão LGBT, questão dos idosos/geracional, questão da terra dentro do sistema solar etc... Minha percepção, entretanto, foi de que em boa medida os textos são postos nos livros como se pudessem ser apenas suportes de ensino da língua ou como ilustração de um gênero literário ou textual.

No que diz respeito à literatura, em maior ou menor grau, as coleções tratam os textos literários como se fossem realidades cristalizadas em uma dada historicidade, cujo papel seria de prazer e fruição estéticos e cujos valores expressos não dialogam com a realidade dos alunos, mesmo quando se faz discussões anteriores sobre o papel da literatura ou quando são colocados lado a lado textos do período literário tratado e textos contemporâneos sobre o mesmo tema. Quando se expressa determinada escola literária, geralmente se concentram nas caracterizações da escola e se perde, em grande medida, a noção que os valores, compreensões de sociedade, homem, mulher, negro, indígena, colonização, caso não sejam devidamente discutidos, podem parecer que simplesmente caracterizam um estilo literário e que expressam as ideias de um tempo descurando que o contato com tais perspectivas impactam a construção das consciências dos alunos sobre tais questões.

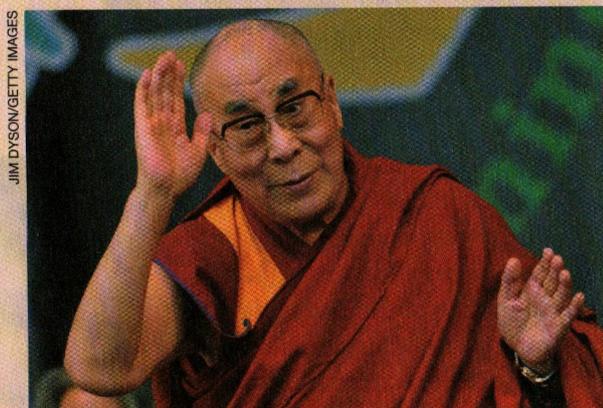
Escolhi, para tentar demonstrar o que pretendo, de maneira aleatória, textos utilizados pelos autores das coleções didáticas para abordarem alguma questão linguística com os alunos. A escolha recaiu sobre como nos livros do segundo ano do Ensino médio os autores apresentaram os pronomes de tratamento e que textos utilizaram para exemplificar o uso deles. O livro da coleção “Se liga na Língua: literatura, produção de texto e linguagem”, utilizada pela escola Instituto Matilde Margon Vaz, trouxe um capítulo com vinte páginas para tratar o tema dos pronomes, trata todos eles e dá prioridade ao uso de textos curtos e imagens como suportes para demonstrar a classe de palavras em uso. No caso dos pronomes pessoais, nas cinco páginas em que são abordados, são usados três textos de tirinhas do Garfield, uma do Calvin e Haroldo, uma da Zoé e Zezé, um cartaz da tenda de arrecadação de brinquedos das Casas André Luiz, um trecho de entrevista da cantora Malu Magalhães e um trecho de

uma notícia sobre o Festival de Glastonbury. O escolhido para análise foi o texto usado para demonstrar como os pronomes de tratamento podem ser utilizados:

"Sua Santidade o Dalai Lama"

Observe o título de notícia a seguir e a legenda (ao lado) que acompanha a foto. O festival em questão, que ocorre anualmente na Inglaterra, contou com a presença, em 2015, do líder religioso do budismo tibetano, conhecido por Dalai Lama. Ele foi convidado para a festa a fim de transmitir sua mensagem de paz aos espectadores.

Dalai Lama participará no Festival de Glastonbury



Publicada em: 25 jun. 2015. Disponível em: <<http://noticias.ne10.uol.com.br/mundo/noticia/2015/06/25/dalai-lama-participara-no-festival-de-glastonbury-553456.php>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

◀ O objetivo da visita é "promover a mensagem de compaixão, não violência e unidade humana de Sua Santidade o Dalai Lama", explicaram os organizadores da viagem.

Na legenda da foto, o pronome de tratamento *Sua Santidade*, dado a líderes religiosos notáveis, foi atribuído ao Dalai Lama. Caso alguém se dirigisse diretamente a ele ou a outro líder máximo de uma religião, deveria empregar a 2ª pessoa, o que implicaria usar *Vossa Santidade*.

Imagem da página 263 do livro 2 da coleção "Se liga na Língua: literatura, produção de texto e linguagem"/Wilton Ormundo, Cristiane Siniscalchi. 1ª ed, - São Paulo: Moderna, 2016.

Para além da presença do pronome de tratamento, o texto coloca os jovens estudantes diante de algumas mensagens relevantes: (1) apresentação "do festival de música e arte de Glastonbury", (2) apresentação de "um líder religioso do budismo tibetano"; (3) apresentação do tipo de mensagem de "compaixão, não violência e unidade humana" como centro da crença da mensagem do budismo, (4) a "atribuição do tratamento de (sua/vossa) santidade a um líder religioso que não o Papa", (5) legitimação do princípio de que este pronome de tratamento deve ser empregado para se dirigir a "ele (Dalai Lama) e/ou a outro líder máximo de uma religião".

O texto coloca questões muito significativas quanto às religiões. Primeiro, coloca em igual nível de dignidade os "os líderes máximos" de todas as religiões, o que evidentemente é extensivo às religiões por eles representadas. A mensagem veiculada coloca os jovens em contato com os importantes valores da compaixão, da não violência, da unidade humana, mostrando-lhes que a diversidade de religiões não representa um mal, mas, ao contrário, que outras religiões diferentes e eventualmente distantes das suas possuem valores equivalentes aos delas e que não é preciso reduzir tudo ao cristianismo para termos a pregação do bem e da santidade.

A apresentação do budismo, no sentido de criar nos jovens empatia por religiões diferentes das suas, é importante, porque o budismo não é uma religião largamente praticada no Brasil, e tem boa chance de passar aos jovens a mensagem de que mesmo uma religião pouco conhecida entre eles tem uma mensagem que se assemelha àquelas por eles conhecidas e que devem merecer igual respeito e dignidade. Enfim, o texto coloca os jovens em contato com os valores do respeito e da tolerância religiosa. Esse texto na mão de um professor que entenda que ele coloca para os alunos mais que situações em que se emprega um pronome de tratamento poderá render um profícuo debate. No entanto, é importante ter clareza que, por si só, ele traz valores que poderão ser incorporados pelos alunos e contribuir para a formação de suas consciências sobre pronome de tratamento, mas também sobre tolerância religiosa, igual dignidade das religiões, compaixão, não violência e unidade humana. Todos valores com forte impacto em como os jovens construirão suas identificações como sujeitos no presente e perspectivarão sua atuação futura na sociedade.

Os autores da coleção “Português: linguagens” dedicam um capítulo, com um total de 17 páginas, para tratar os pronomes e utilizam textos, imagens e tirinhas para apresentarem aos jovens situações linguísticas onde os pronomes estão em uso. Para introduzir, conceituando, utilizam uma tirinha do Calvin, para os pronomes demonstrativos; uma imagem de um anúncio que remete à avenida onde um jovem estudante chinês se colocou frente aos tanques que pretendiam fiscalizar protestos após o massacre da Praça da paz celestial e em seguida um texto sobre os acontecimentos na china em junho de 1989; depois, tirinhas de Gonsales e Laerte. Para os pronomes indefinidos utilizaram um anúncio da Chevrolet; para os interrogativos, um texto jornalístico sobre intercâmbio como forma de aprimoramento profissional; para os relativos, um texto de Mylton Severiano sobre Cocos e uma tirinha de Garfield. Para explicar o pronome na construção do discurso, uma tirinha de Nik Gaturro; para explicar o pronome na semântica do discurso uma tirinha de Caco Galhardo. Os autores tratam separadamente os pronomes pessoais dos pronomes de tratamento. Para explicarem os pronomes pessoais, utilizam uma série de seis poemas/trechos de poemas de Vinícius de Moraes e um trecho de uma fala de Anderson Silva, falando de sua vaidade. Para os pronomes de tratamento, que são o alvo de nossa análise, utilizam o seguinte texto e imagem:

O poema a seguir, de autoria de Ferreira Gullar, foi musicado pelo cantor Fagner. Leia-o e responda às questões de 1 a 3. E, se possível, ouça a canção, disponível na Internet.

Cantiga para não morrer

Quando você for se embora,
moça branca como a neve,
me leve.

Se acaso você não possa
me carregar pela mão,
menina branca de neve,
me leve no coração.

Se no coração não possa
por acaso me levar,
moça de sonho e de neve,
me leve no seu lembrar.

E se aí também não possa
por tanta coisa que leve
já viva em seu pensamento,
menina branca de neve,
me leve no esquecimento.

(Ferreira Gullar. *Melhores poemas*. 7. ed. Seleção de Alfredo Bosi. São Paulo: Global, 2004. p. 120.)



John Singer Sargent. Sally Fairchild, c.1890/The Bridgeman Art Library/Getty Images/ Coleção particular

1. Qual pronome o eu lírico utiliza para se dirigir a sua amada? Como se classifica esse pronome?
2. Em que pessoa estão os verbos e os outros pronomes utilizados pelo eu lírico para fazer referência à interlocutora? Esse uso segue a norma-padrão?
3. No poema, o eu lírico se dirige à mulher amada, procurando persuadi-la.
 - a) O que ele deseja?
 - b) Por que a escolha gramatical dos pronomes contribui para que o eu lírico alcance seu objetivo?

Imagem da página 101 do volume 2 da coleção “Português: linguagens/William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. 9ª ed.- São Paulo: Saraiva, 2013. Obra em 3 volumes.

O Poema de Ferreira Gullar, musicado por Fagner, fala de um eu lírico apaixonado por uma “moça branca como a neve”. No poema, o eu lírico quer persuadir a moça a amá-lo e não o esquecer. A força lírica do poema coloca a “brancura” da amada como sua principal característica e única que merece ser mencionada. A “brancura” encarna todos os elementos da beleza e demais qualidades possuídas pela moça capazes de fazer com que o eu lírico a ame. Assim, o poema, mais que exemplificar o uso dos pronomes “você/seu/me”, parece carregar uma mensagem que pode se tornar bastante problemática para o modo como os jovens vão construir suas identificações na sociedade brasileira. A mensagem seria a incorporação/naturalização de que pessoas “brancas de neve” merecem amor sem fim por serem sinônimos de beleza, bondade, inteligência. A incorporação de brancura como sinônimo de amor, belo e bom, dialoga com uma das maiores feridas colocadas em nossas relações sociais, onde nosso passado escravagista nos legou um racismo em que a brancura é também sinônimo de privilégios. Esse poema não me parece ser escolhido por acaso, uma vez que nem há em sua estrutura nenhuma variedade de pronomes de tratamento que pudesse torná-lo significativo para a exemplificação de situações onde os pronomes de tratamento estivessem sendo utilizadas na língua. Reforçar a brancura como valor ou característica humana que representa tudo aquilo que é digno de ser amado parece-me grave em uma sociedade onde

mais da metade da população, especialmente a pobre, a que estuda em escola pública, não possui tal característica.

Os autores da coleção hoje adotada na escola João Neto de Campos “Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso” escolhem tratar os pronomes como tópicos “língua e linguagem” em dois capítulos diferentes, os capítulos 2 e 3. No capítulo 2 utilizam 11 páginas para tratar dos pronomes; no 3, 7 páginas. Os autores trabalham textos mais longos que os das outras coleções. Introduzem o tema com um texto do discurso de Malala Yousafzai ao ganhar o prêmio nobel da paz em 2014 e depois trabalham um trecho de um diálogo entre Paulo e Lúcia da obra *Lucíola*, de José de Alencar, para tratarem de pronomes pessoais e possessivos; um trecho de uma carta de José de Alencar a Machado de Assis; um pequeno trecho da canção “conversa de botequim”, de Noel Rosa; uma tirinha do “Recruta Zero” e um cartaz de anúncio da prefeitura de Jacareí. No capítulo 3, introduzem o tema e as explicações sobre pronomes indefinidos e os interrogativos com um texto da obra de Camilo Castelo Branco “Coração, cabeça e estômago”, e ainda, para tratar dos indefinidos e interrogativos, trabalham uma carta de um anúncio da revista “Carta Capital”; para tratar dos pronomes relativos e demonstrativos, usam uma pequena HQ de Hagar.

Para o tema que escolhemos, que são os pronomes de tratamento, os autores os trabalham juntamente dos pronomes pessoais, porque afirmam que “também são pronomes pessoais os pronomes de tratamento”. O texto do discurso de Malala é maior, ocupa quase uma página e meia, o trecho de “*Lucíola*” é de apenas um parágrafo, e apesar de trazer ideias significativas de uma mulher que defende o direito ao prazer em detrimento do amor, que também certamente impactará a formação das compreensões dos jovens estudantes sobre a questão feminina, me deterei no texto do discurso de Malala, porque o maior espaço dado a ele no capítulo (4 páginas) deixa subentendido que era nele que os autores queriam focar. Segue o texto que está nas páginas 133 e 134 do livro 2 da coleção Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso³.

Excelentíssimas majestades, ilustres membros do Comitê Nobel norueguês, queridos irmãos e irmãs.

Hoje é um dia de grande felicidade para mim. Aceito com humildade a escolha do Comitê Nobel em me agraciar com este precioso prêmio. [...]

Muito me orgulha ter sido a primeira pachtun, a primeira paquistanesa e a primeira adolescente a receber este prêmio. E tenho a certeza absoluta de ser também a primeira pessoa a receber um Nobel da Paz que ainda briga com seus irmãos mais novos. Eu quero que a paz se espalhe por todos os cantos, mas meus irmãos e eu ainda estamos trabalhando nisso.

Muito me honra também dividir este prêmio com Kailash Satyarthi, que vem lutando pelos direitos das crianças já há muito tempo. Na verdade, pelo dobro do tempo que já vivi. Fico feliz também por estarmos aqui reunidos demonstrando ao mundo que um indiano e uma paquistanesa podem conviver em paz e trabalhar em prol dos direitos das crianças.

[...]

Este prêmio não é só meu. É das crianças esquecidas que querem educação. É das crianças assustadas que querem a paz. É das crianças sem direito e expressão que querem mudanças.

Estou aqui para afirmar os seus direitos, dar-lhes voz... Não é hora de lamentar por elas. É hora de agir, para que seja a última vez que vejamos uma criança sem direito e educação. [...]

No que se refere a mim, sou apenas uma pessoa dedicada e teimosa que quer ver as crianças recebendo educação de qualidade, que quer a igualdade de

3 Devido à extensão do discurso de Malala, a opção foi por sua descrição e não pela imagem da página em que ele se encontra.

direitos a as mulheres e que quer que haja paz em todos os cantos do mundo.
[...]

Os terroristas tentaram nos deter e atacaram a mim e a minhas amigas em 9 de novembro de 2012, mas suas balas não podiam vencer.

Nós sobrevivemos. E desde aquele dia nossas vozes só fizeram se erguer mais altas. Eu conto a minha história não porque ela seja única, mas principalmente porque o é.[...]

Hoje, em metade do mundo testemunhamos acelerado progresso, modernização e envolvimento.

No entanto, há países onde milhões ainda sofrem dos antiquíssimos problemas da e, da pobreza, da injustiça e de conflitos.

Na verdade, lembramos em 2014 que um século se passou desde o início da Primeira Guerra Mundial, mas ainda não aprendemos todas as lições que surgiram da perda daqueles milhões de vidas de cem anos atrás.

Ainda há conflitos em que centenas de milhares de pessoas inocentes perdem suas as: [...]

Muitas crianças na África não têm acesso à escola por causa da pobreza. [...]

Queridos irmãos e irmãs, que nos tornemos a primeira geração a decidir ser a última [a ficar fora da escola].

Que esta seja a última vez que um menino ou uma menina desperdice sua infância em uma fábrica.

Que esta seja a última vez que uma garota seja obrigada a se casar na infância.

Que esta seja a última vez que uma criança inocente perca a vida na guerra.

Que esta seja a última vez que uma sala de aula permaneça vazia.

Que esta seja a última vez que se diga a uma menina que a educação é um crime e não um direito.

Que esta seja a última vez que uma criança permaneça fora da escola.

Que comecemos nós a encerrar essa situação.

Que sejamos nós a dar um fim a isso.

Que comecemos a construir um futuro melhor, aqui, agora.

Obrigada.

O texto do discurso de Malala além de ser suporte de pronomes, transmite aos jovens estudantes do Ensino médio diversas mensagens e valores. Em primeiro lugar, lhes dá a conhecer Malala Yousafzai, uma ativista paquistanesa, que aos 17 anos de idade ganhou o prêmio Nobel da Paz, por sua luta pelo direito das crianças à educação, especialmente das meninas paquitanesas que haviam sido proibidas de estudar pelo exército Talibã ocupante de sua região. A apresentação de Malala evidencia para os estudantes que há jovens como eles, mas que possuem outras culturas e vivem em outra regiões do mundo, lutam por seus ideais. O direito à educação é algo pelo que jovens como Malala estão dispostos a dar a vida para defender para si e para todos. Malala e sua existência explicita para os jovens que nunca é cedo para lutar por aquilo que acredita. Enfim, Malala é uma “heroína” com grande potencial de capitanear a simpatia e a identificação dos jovens com seus valores e com suas lutas.

O texto do discurso faz referência à união dos povos, paz, direitos para as crianças e mulheres, luta contra pobreza, contra fome, contra injustiças, contra trabalho infantil, pelo direito de todos à educação escolar, pelo fim dos casamentos infantis arranjados na Índia e no Paquistão, pelo direito a viver em paz. Assim, o texto, enumera princípios para a construção de uma sociedade livre da guerra e do arbítrio que, se incorporados pelos jovens, poderão influenciá-los significativamente no sentido da possibilidade de se lutar e construir um mundo melhor. A apresentação de Malala aos jovens estudantes do ensino médio das escolas públicas no Brasil e em Catalão pode ser para eles uma inspiração para as escolhas de possíveis valores com os quais vão se identificar no passado, no presente e no futuro que haverão de construir.

Os autores de livros didáticos, ao escolherem textos para colocarem em seus livros, para trabalharem situações de uso, neste caso, das classes de palavras, não o fazem certamente de maneira aleatória, e esses textos, mesmo que não tenham seu conteúdo explorado, nem pelos autores, nem pelos professores, são muito mais que suportes de demonstração de estruturas da língua em uso. Textos necessariamente expressam ideias/valores, e leitores em contato com os eles vão lidar com as ideias que expressam. No caso de coleções didáticas destinadas a alunos, seja do ensino fundamental seja do médio, o contato diário com os valores expressos nestes materiais certamente possibilita que muitos deles sejam incorporados pelos jovens, muitas vezes até de maneira inconsciente, o que naturaliza comportamentos e perspectivas em torno de diferentes temáticas colocadas no social, pois passam a fazer parte da composição de seus modos de lidar com as experiências humanas no tempo.

Os três textos das diferentes coleções analisados são relevantes, porque explicitam, para nós, a condição de sujeitos disseminadores de ideias e valores dos autores de livros didáticos e a não neutralidade de suas escolhas. Eles explicitam também que qualquer que seja a intenção da escolha, um texto é sempre repleto de sentidos que serão recebidos e interpretados pelo leitor, não havendo possibilidade que isso não ocorra. Evidenciam ainda a importância do papel do professor na mediação do diálogo dos alunos com os textos didáticos, para evitarem a incorporação acrítica de valores por eles disseminados, e a necessidade de que as ideias veiculadas nos textos não sejam obliteradas quando das análises do conhecimento linguístico.

Buscando entender como a educação formal participa nos complexos processos de formação da consciência histórica dos alunos, ou seja, os modos como constroem suas percepções das experiências humanas no tempo; utilizando textos de livros didáticos de língua portuguesa como fonte; procurando lançar um olhar transdisciplinar, ou seja, procurando perceber que os textos não são apenas suportes da língua ou artefatos de cultura, mas são elementos instituídos no social e que possuem em si o potencial de instituir práticas sociais, na medida em que textos necessariamente expressam ideias e as ideias fazem o mundo, seja mantendo o *status quo* ou mudando o mundo, percebi, no caso dos textos analisados, que alunos tanto podem incorporar acriticamente valores emitidos nos textos, quanto podem rechaçá-los, ou podem lidar com eles de diferentes maneiras. Assim, podemos imaginar cenários com alunos que tanto podem incorporar valores de “brancura”, como sinônimo de bom, belo, amável e se tornarem racistas, quanto podem rechaçar esse valor e pensar criticamente as relações étnico-raciais. Tanto podemos ter alunos se inspirando em Malala, em Dalay Lama e escolhendo valores da paz, da tolerância, da justiça, ou não.

Pensando no ensino formal de língua portuguesa e tendo clareza de que o número de aulas dedicados a ele é um dos maiores da grade curricular, o que propicia contato diário com seus textos, seria importante realçar a necessidade de cuidar e estar atento aos valores com os quais colocamos cotidianamente os jovens em contato, pois esses impactarão no tipo de identificações/escolhas que construirão para si no tempo.

Referências

CEREJA, W. R.; VIANA, C. D.; DAMIEN, C. **Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso.** v. 2. São Paulo: Saraiva, 2016.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português: linguagens.** v. 2. ed. 9. São Paulo: Saraiva, 2013.

MORAES, M. C.; NAVA, J. M. B. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação: fundamentos ontológicos e epistemológicos.** Campinas: Papirus, 2017.

MORIN, E.; CIURANA, R. MOTTA, R. D. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortês, 2003.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. 3. ed. São Paulo: Triom, 2008.

ORMUNDO, W.; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua**: literatura, produção de texto, linguagem. v. 2. São Paulo: Moderna, 2016

RÜSEN, J. **História Viva**: teoria da história III: Formas e Funções do conhecimento Histórico. Brasília: EDUNB, 2007.